

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE ESTUDANTES SURDOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Autor Wilma Pastor de Andrade Sousa

Universidade Federal de Pernambuco wilmapastor@gmail.com

Coautor Antonio Carlos Cardoso

Universidade Federal de Pernambuco ancarsurdo7@yahoo.com.br

Coautor Keyla Maria Santana da Silva

Instituto Federal de Pernambuco/Campus Vitória de Santo Antão keylakylma@hotmail.com

Coautor Lindilene Maria de Oliveira

Universidade Federal de Pernambuco raylindi@yahoo.com.br

Resumo

A inclusão do estudante surdo em sala de aula comum do ensino regular foi questionada nos últimos anos, principalmente, em função dos constantes desempenhos negativos apresentados por eles. Diante disso, a educação de surdos tem sido amplamente discutida, sobretudo quando se trata de assegurar a esse público uma educação bilíngue, na qual a língua de sinais se apresenta como primeira língua e a língua oficial do país como segunda. Para que o professor desenvolva práticas pedagógicas inclusivas que possibilitem o acesso e a permanência desses estudantes na escola, bem como uma aprendizagem significativa, é necessário considerar as especificidades linguísticas do estudante surdo independente do nível escolar que ele se encontre. Assim, O objetivo deste estudo é investigar as práticas pedagógicas inclusivas utilizadas no processo de alfabetização e letramento de estudantes surdos no contexto da educação bilíngue. A pesquisa foi realizada em duas salas regulares bilíngues para estudantes surdos da rede municipal de ensino da cidade do Recife. Participaram deste estudo professores e estudantes surdos. A coleta de dados ocorreu mediante dois momentos, o primeiro por meio de uma entrevista semiestruturada e, o segundo, por meio de quatro observações feitas em dias diferentes. Os dados foram analisados de acordo com a proposta de análise de conteúdos de Bardin. Os resultados revelaram que as práticas pedagógicas dos professores das salas observadas estão alinhadas aos princípios da educação bilíngue, na qual o estudante surdo tem a garantia de um ensino acessível, considerando as suas especificidades linguísticas e tendo como língua de instrução a língua de sinais.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas. Educação Bilíngue. Estudantes Surdos.

Introdução

Profissionais de diversas áreas, como a Linguística, a Psicologia e a Educação vêm refletindo nos últimos anos sobre a melhor estratégia para proporcionar ao estudante surdo uma aprendizagem significativa. Entretanto, essa garantia perpassa por práticas pedagógicas inclusivas que possibilitem o acesso e a permanência desses estudantes no espaço escolar. Para isso, é necessário considerar as especificidades linguísticas e culturais do estudante surdo desde o início da sua escolaridade.

É importante ressaltar que o discurso da inclusão escolar não se limita apenas à inserção do indivíduo na escola, segundo Sasaki (1997) e Werneck (2000) a inclusão significa a inserção total e incondicional do indivíduo, entretanto, para que isso aconteça é crucial que a escola busque meios de atender as necessidades de cada estudante, respeitando as suas peculiaridades. Afinal, a escola não tem a responsabilidade apenas de receber o estudante, mas, principalmente, de garantir a sua permanência, proporcionando-lhe um ensino de qualidade, conforme consta na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. É comum a escola fazer um trabalho de socialização com o estudante surdo quando ele ingressa nela, mas quando este está nos anos iniciais do ensino fundamental, sobretudo no processo de alfabetização, as dificuldades são frequentemente relatadas não apenas pelos professores, mas também pelos familiares.

A alfabetização geralmente é considerada uma fase complexa na trajetória escolar das crianças de modo geral, no caso das crianças surdas, elas costumam sentir muitas dificuldades de aprendizagem. Um dos motivos frequentemente apresentados tem sido o desconhecimento por parte da sociedade da Língua Brasileira de Sinais- Libras. A maioria dos professores ainda não domina a Libras e, com isso, torna-se difícil o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes surdos, pois faz com que eles não tenham acesso a um conhecimento eficiente, e pautado em sua língua, o qual é um direito assegurado pela lei de Libras nº. 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto nº. 5.626/05.

Ao falar sobre a importância da língua de sinais para a criança surda no aprendizado da Língua Portuguesa como segunda língua, Fernandes (2006, p. 14) afirma que “sem a sua mediação, os alunos não poderão compreender as relações textuais na segunda língua, já que necessitam perceber o que é igual e o que é diferente entre sua primeira língua e a língua que estão aprendendo.”

Nessa direção, é fundamental que a criança surda adquira a Libras antes de iniciar o processo de alfabetização, para que ela possa identificar as

diferenças entre a sua língua e a Língua Portuguesa escrita, e comece a estabelecer formas de compreensão por meio de estratégias criadas pelos próprios professores na tentativa de fazer com que ela reconheça tais diferenças. Devido ao impedimento auditivo, a criança surda não faz a relação grafema/fonema de forma natural como a criança ouvinte. Com isso, novos procedimentos e estratégias didáticas devem ser adotados na alfabetização dessas crianças.

Segundo Quadros (2008), a criança surda estabelece visualmente as relações de significação com a escrita. Ela busca na língua de sinais o sentido que a levará a entender a escrita em Língua Portuguesa, mas para isso é importante que o seu direito seja respeitado, o de ter acesso à língua de sinais como primeira língua (L1), e de aprender a Língua Portuguesa como segunda língua (L2). Além disso, “os surdos querem aprender na língua de sinais, ou seja, a língua de sinais é a privilegiada como língua de instrução” (QUADROS, 2005, p. 30).

O Decreto que institui as salas regulares para estudantes surdos na Rede Municipal de Ensino do Recife, nº 28.587 de 11/02/2015, traz em seu texto:

Art. 2º Nas salas regulares bilíngues para surdos serão ofertados a Língua Brasileira de Sinais - Libras, como primeira língua, e o idioma português, como segunda língua, na perspectiva da educação bilíngue.

§ 1º A Libras será considerada como meio de comunicação e de instrução e entendida como componente curricular que possibilite aos surdos o acesso ao conhecimento, à ampliação do uso social dos sinais nos diferentes contextos e à reflexão sobre o funcionamento da língua e da linguagem em seus diferentes usos.

É importante ressaltar que esse documento condiz com os princípios que norteiam a educação bilíngue para estudantes surdos contemplados na Meta 4.7 do Plano Nacional de Educação – PNE 2014/2020.

Assim, o interesse por essa temática surgiu pela vontade de conhecer quais os caminhos encontrados pelos professores de estudantes surdos para facilitar o processo educacional desses sujeitos.

Diante disso, surgiram os seguintes questionamentos: será que os professores têm clareza das especificidades linguísticas dos estudantes surdos? A língua de sinais tem sido usada como língua de instrução ou como estratégia metodológica? Que estratégias os professores utilizam no processo de alfabetização e letramento dos estudantes surdos?

Logo, este estudo tem como objetivo principal investigar as práticas pedagógicas inclusivas utilizadas no processo de alfabetização e letramento de estudantes surdos no contexto da educação bilíngue. Além de: a) observar e

registrar como tem sido o uso da língua de sinais em sala de aula; e) identificar as estratégias utilizadas na alfabetização e letramento de crianças surdas.

Metodologia

Este estudo foi realizado em 02 (duas) salas regulares bilíngues para Surdos, de 02 (duas) escolas públicas da rede municipal de ensino, da cidade de Recife. As quais serão apresentadas nos resultados com S1 e S2. Participaram desta pesquisa 02 (duas) professoras ouvintes bilíngues e seus respectivos estudantes, todos surdos filhos de pais ouvintes, matriculados nos anos iniciais do ensino fundamental. Por questões éticas, as professoras participantes serão chamadas de P1 e P2 respectivamente, preservando-se as suas identidades. P1 leciona na educação básica há 03 (três) anos e está lecionando a crianças Surdas há 06 (seis) meses, e P2 há 09 (nove) anos leciona na educação básica e há 01 (um) ano leciona a crianças Surdas.

As participantes da pesquisa foram selecionadas tendo como critério de inclusão ser professor efetivo de salas regulares bilíngues para Surdos, da rede municipal do Recife, que ensinam em turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, e como critério de exclusão não foram selecionados os professores substitutos e os que não trabalham com salas bilíngues para Surdos, pois não se enquadram no foco deste estudo.

Os dados da pesquisa foram coletados em dois momentos, o primeiro por meio de entrevista semiestruturada, no local de trabalho das participantes, no horário do intervalo, o segundo por meio de observações das práticas pedagógicas, em dias diferentes, durante todo o turno de aula. Para viabilizar as observações, organizamos previamente um quadro com ações pedagógicas propiciadoras de inclusão, tendo como foco o estudante surdo no contexto da educação bilíngue.

Com base nos dados coletados, tendo como suporte os objetivos propostos e os resultados obtidos, elaboramos categorias de análise para garantir o tratamento dos dados, as quais foram baseadas na perspectiva da análise de conteúdo orientadas por Bardin (2004).

Resultados e Discussão

Apresentaremos a seguir os resultados e discussões da entrevista semiestruturada feita com os participantes deste estudo, bem como as observações realizadas durante as aulas. Para isso, organizamos os resultados da entrevista em categorizações, sendo elas: 1) estratégias didático-metodológicas usadas na alfabetização e letramento

do estudante surdo; 2) práticas pedagógicas usadas na alfabetização do estudante surdo. Para se ter uma maior clareza em relação aos dados, as respostas das participantes serão apresentadas em itálico para os extratos de fala a serem discutidos na análise. Em relação aos resultados das observações estes serão apresentados em um quadro. Esclarecemos que a S1 tem como docente P1 e a S2 tem como docente P2.

Estratégias didático-metodológicas usadas na alfabetização e letramento do estudante surdo.

P1 Hoje, devido ao pouco conhecimento de Libras que meu aluno tem, as principais estratégias que utilizo são as imagens e os materiais concretos (objetos, brinquedos, livros, etc.), como também muitos jogos pedagógicos.

P2 Recursos visuais e, quando possível, materiais concretos.

Constatamos que **P1** e **P2** fazem uso de uma estratégia didático-metodológica que é essencial na educação do estudante surdo, referimo-nos a utilização de recursos visuais. O uso de imagens e de materiais concretos tem sido apontado por autores como Quadros (2008), por exemplo, como uma estratégia facilitadora para o acesso da informação para o estudante surdo. Logo, ambas as participantes demonstram ter conhecimento da necessidade de buscar uma forma acessível para facilitar a aprendizagem dos estudantes surdos ao invés de se prenderem às estratégias usadas com estudantes ouvintes que são, na sua maioria pautadas no som.

Além desse aspecto destacado, chamamos a atenção para a fala de **P1** quando justifica a estratégia utilizada, dizendo: “...devido ao pouco conhecimento de Libras que meu aluno tem..”. Isso reflete que **P1** conhece o perfil dos seus estudantes, bem como sabe que a maioria chega a escola com pouco conhecimento da Libras em função de serem filhos de pais ouvintes, portanto, em geral, só têm acesso a Libras quando ingressam na escola e passam a ter contato com outros surdos ou com professores bilíngues.

Práticas pedagógicas usadas na alfabetização do estudante surdo.

P1 Hoje utilizo muitos jogos (memória, dominó, caça ao tesouro) para ensinar os sinais em Libras. Como também muitas imagens e vídeos com

interpretação em língua de sinais. A partir disso, trabalho a questão da alfabetização com palavras pequenas de temas específicos. Da chegada até a saída utilizo a Libras, independente do nível de conhecimento do estudante. Como também, estimo a comunidade escolar (funcionários, estudantes, gestor e professores) a se comunicarem em Libras com o estudante surdo.

***P2** Faço o possível para que eles me compreendam, mas sinto falta de um direcionamento.*

É evidente na resposta de **P1**, se comparada a de **P2**, que ela conhece a realidade e as especificidades do estudante surdo. Chama a atenção o fato de **P1** dizer: “*Hoje utilizo muitos jogos (memória, dominó, caça ao tesouro) para ensinar os sinais em Libras*”, isso mostra que ela sabe o caminho por onde começar, ou seja, tem a consciência da necessidade de o estudante surdo, que se encontra nos anos iniciais do ensino fundamental, ter a Libras como primeira língua para depois aprender a Língua Portuguesa como segunda, conforme orienta Fernandes (2006). De acordo com a resposta de **P1**, ela utiliza estratégias por meio da ludicidade, jogos diversificados.

Na resposta de **P2** fica evidente a dificuldade dela em trabalhar com estudantes surdos, quando diz que faz o possível, **P2** acrescenta ainda: “... *sinto falta de um direcionamento.*” Essa é a realidade de muitos professores que se encontram hoje em sala de aula com estudantes surdos. Esse dado aponta para a necessidade urgente de os governantes proporcionarem formação continuada para esses professores com foco na educação bilíngue para estudantes surdos, para que possamos minimizar os prejuízos que esses estudantes tiveram ao longo da história e que ainda se repetem nos dias atuais, apesar de já se ter legalmente assegurado uma educação bilíngue conforme o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

No quadro a seguir descreveremos o que se foi observado nas quatro (04) visitas realizadas nas salas regulares bilíngues para Surdos, de modo a analisarmos as práticas pedagógicas inclusivas do estudante surdo.

Quadro 1 - Síntese das observações feitas nas salas regulares bilíngues para Surdos.

OBSERVAÇÕES	Primeiro dia		Segundo dia		Terceiro dia		Quarto dia	
	S1	S2	S1	S2	S1	S2	S1	S2
Utiliza recursos visuais	S1	S2	S1	S2	S1	S2	S1	S2
Organização da sala em “U” ou meia lua	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Utiliza laboratório de informática para aula de língua portuguesa	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Utiliza imagens e os sinais em Libras para ensinar palavras em língua portuguesa	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Faz uso de teatro durante as aulas	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Faz uso da Libras como língua de instrução	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Faz contação de histórias em Libras	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Conforme registramos nas observações feitas em sala de aula, as docentes das duas salas (P1 e P2) utilizaram recursos visuais, isso corrobora com o que elas relataram ao serem entrevistadas. Alguns dos recursos utilizados foram: alfabeto manual da Libras e alfabeto da língua portuguesa, cartazes com os nomes dos estudantes, figuras relacionadas ao vocabulário a ser trabalhado, como frutas, animais, dentre outros.

Apesar de não ter sido observado o uso do laboratório de informática para aula de língua portuguesa, estratégia que consideramos importante, já que o trabalho o computador poderá proporcionar o uso da escrita da língua portuguesa de forma lúdica, houve um cuidado com a organização das salas em “U”, considerando que a Libras é espaço-visual, conforme defende Quadro (2005).

Além disso, ressaltamos a estratégia de utilização de imagens e sinais em Libras para ensinar palavras em língua portuguesa, bem como o uso da Libras como língua de instrução, esses dados mostram que **P1** e **P2**, estão seguindo as orientações constantes no Decreto nº 28.587, de fevereiro de 2015.



Conclusões

Ao longo deste estudo, que tem como objetivo central investigar as práticas pedagógicas inclusivas utilizadas no processo de alfabetização e letramento de estudantes surdos no contexto da educação bilíngue, constatamos que, de modo geral, as salas regulares bilíngues para Surdos observadas, S1 e S2, apresentaram-se bem estruturadas com profissionais que fazem uso da língua de sinais como língua de instrução. Esse dado aponta para uma proposta de ensino cujas práticas pedagógicas são inclusivas, à medida que as participantes não apenas consideram as especificidades dos estudantes surdos, como também proporcionam o acesso ao conhecimento por meio de uma língua que lhes é naturalmente adquirida, no caso do Brasil, a Libras. Entretanto, em relação às práticas pedagógicas usadas na alfabetização do estudante surdo, temos na fala de P2 a necessidade de investimento em formação continuada nessa área, quando ela relatou sentir falta de um direcionamento. Ressaltamos o esforço de P1 para que os estudantes entendam melhor e tenham uma boa aprendizagem. Apesar de P1 e P2 serem professoras bilíngues, este estudo revela que o fato de o professor ser fluente em Libras não garante ao estudante surdo uma educação de qualidade, isso é fundamental, mas existem outros fatores que interferem e são igualmente importantes.

Dentre as diversas estratégias identificadas na atuação de P1 e P2 na alfabetização e letramento de crianças surdas, destacamos a utilização de imagens e os sinais em Libras para ensinar palavras em língua portuguesa e a contação de histórias em Libras. Essas estratégias, além de possibilitarem conhecimento de mundo, poderão auxiliar como recurso na aprendizagem da língua portuguesa, já que o professor poderá trabalhar a língua em diferentes contextos de uso por meio, principalmente, da contação de histórias. Destacamos ainda a importância da interação entre estudantes surdos e professores por meio da mesma língua, a de sinais.

Portanto, Os resultados revelaram que, em geral, as práticas pedagógicas dos professores das salas observadas estão alinhadas aos princípios da educação bilíngue para surdos, na qual o estudante surdo tem a garantia de um ensino acessível, considerando as suas especificidades linguísticas e tendo como língua de instrução a língua de sinais, entretanto, precisa de mais investimento em formação continuada.



Referências Bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3ª. Ed. Lisboa-Portugal, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Presidência da República. Casa Civil, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em 30 ago. 2016.

_____. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20042006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em 29 ago. 2016.

FERNANDES, Sueli. **Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos**. Curitiba: SEED, 2006.

QUADROS, Ronice Muller. O bi do bilinguismo na educação de surdos. In: **Surdez e bilinguismo**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, v.1, p.26-36;

_____. **O contexto escolar do aluno surdo e o papel das línguas**. 2008. Disponível em: < <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABOmIAD/texto65-contexto-escolar-surdo-ronic> > Acesso em 04 de set. 2016.

_____. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Plano Nacional de Educação 2014-2024. Ministério da Educação. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 860p. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em 29 ago. 2016.

RECIFE. **Decreto nº 28.587**, de fevereiro de 2015. Institui as salas regulares bilíngues para surdos na Rede Municipal de Ensino do Recife. Disponível em: <http://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=281221>. Acesso em 25 ago. 2016.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**. Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

WERNECK, Claudia. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva**. 2. ed. Rio de janeiro: WVA, 2000.